

Para Lauro Campos, plano derrubará dólar e salário para conter inflação

JORNAL DE BRASÍLIA

* 5 SET 1993

Jorge Cardoso

CÉSAR FONSECA
ESPECIAL PARA O JBr

O Plano Econômico do Governo, a ser anunciado no próximo dia 14 pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, trabalhará, segundo a previsão do professor de Economia Política da Universidade de Brasília, Lauro Campos, com duas âncoras principais, devidamente associadas, para tentar reduzir a taxa de inflação: a âncora cambial e a âncora salarial, com esta já se fazendo desde a aprovação, pelo Congresso Nacional, da lei que determina que os reajustes salariais até seis salários mínimos sejam feitos 10 pontos percentuais abaixo do índice inflacionário mensal.

A taxa de câmbio, ressaltou o professor, passará a ser reajustada gradualmente abaixo da taxa de inflação até que esta se reduza, no primeiro trimestre de 1994, à casa próxima dos 10% ao mês, patamar a partir do qual não será necessário promover reajuste de salário, porque com a inflação mensal de 10% subtraída de 10 pontos percentuais, de acordo com a lei, não haverá o que reajustar, pois $10 - 10 = 0$.

Nesse contexto, raciocina, a pressão da demanda global na economia sofrerá impacto negativo, mantendo, conseqüentemente, o processo inflacionário estagnado, graças, de um lado, à âncora salarial, com o arrocho de salários, enquanto, de outro, o cruzeiro real, com a âncora cambial, começará a se valorizar mensalmente em relação ao dólar prefixado abaixo da inflação.

À partir da conjugação entre as âncoras cambial e salarial, destacou Lauro, haverá uma alteração conjuntural na economia, traduzida em maior estímulo às importações, desestímulo às exportações, queda do dólar e da taxa de juros, se devidamente alongado o perfil da dívida interna, e fortalecimento da moeda nacional, num cenário de inflação mensal em torno de 10%, percentual a se constituir no novo ponto de equilíbrio geral da economia, produtivo, principalmente do setor financeiro, que terá dois representantes no Governo, o negociador da dívida externa, André Lara Resende, e o presidente do BNDES, Pêrsio Arida, a temida dupla Larida.

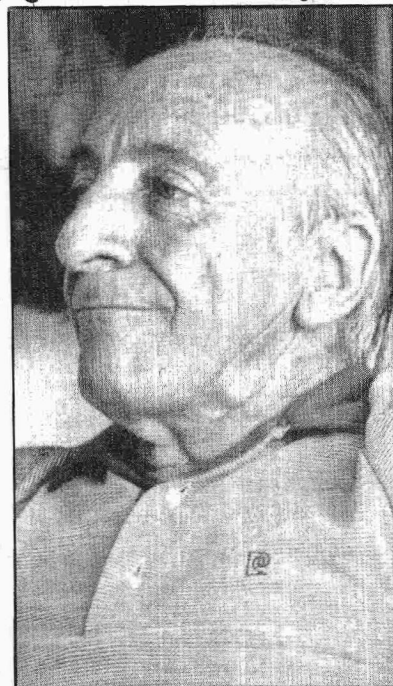
O ajuste final do plano, destacou Lauro Campos, se dará na revisão constitucional com outra âncora, a fiscal, quando o Governo, depois dos efeitos imediatos obtidos pela ação conjunta das âncoras cambial e salarial, poderá conseguir o apoio decisivo do Congresso para mudar a Constituição em pontos fundamentais, como a transferência de responsabilidades para estados e municípios que, hoje, estão na esfera da União, e, principalmente, mudanças no regime de estabilidade dos funcionários públicos.

Importador ganha, diz professor

Beneficiários diretos do plano econômico, no curtíssimo prazo, diz Lauro Campos, serão os importadores, porque com o dólar ancorado, isto é, reajustado abaixo da taxa de inflação, será vantajoso importar. Daí, previu, ser bastante plausível que volte a vigorar, brevemente, a reserva de mercado para alguns produtos cuja importação, se realizada em massa, poderá colocar em risco a sobrevivência de importantes setores da economia, pressionando, dessa forma, ainda mais, a taxa de desemprego, que já se encontra em níveis elevados. Previsivelmente, serão proibidos de importar os free

shoppings, como já está ameaçando o ministro da Indústria, do Comércio e do Turismo, José Eduardo Andrade Vieira.

As exportações, por sua vez, com o dólar em queda, serão prejudicadas. Os exportadores, com seus dólares amealhados nas exportações, os trocarão por cruzeiros reais valorizados em relação à moeda norte-americana, cuja cotação em baixa para os produtos exportáveis resultará em perda de rentabilidade para as empresas que hoje vivem das exportações diante da falência do mercado interno. (C.F.)



Campos prevê adoção de âncora

Negócio dolarizado vira atrativo

Vantagens significativas obterão, no novo cenário econômico, quem fechar negócios para serem quitados em dólares, lembrou Lauro. Por exemplo, quem comprar carro importado ou apartamento, agora, com o compromisso de liquidar prestações cotadas em dólares fará excelente negócio, já que a cotação do dólar ancorado tenderá a cair nos próximos meses em face da valorização do cruzeiro real diante da queda da inflação.

Os aplicadores em CDB, nesses dias que antecedem as medidas econômicas prometidas por FHC, ressaltou Lauro, serão largamente beneficiados. As aplicações com

mais de 30 dias, na última semana, serão remuneradas a taxas superior a 40%. Quem tem dólar, que até o anúncio das medidas econômicas tenderá a oscilar nervosamente, precisará saber o momento exato de vendê-lo para aplicar em CDB prefixado, pois, logo em seguida, com a âncora cambial, começará a moeda americana a cair em relação à moeda nacional. Ademais, argumentou, não será conveniente ao governo desestimular as aplicações para evitar que os aplicadores retirem suas poupanças para gastar, o que resultaria em pressão inflacionária perigosa no instante em que se tomará medidas drásticas para baixar a inflação. (C.F.)

Trabalhador é quem pagará conta

Prejudicados com o plano econômico deverão ser, mais uma vez para variar, os assalariados, porque com a inflação em queda, no contexto da atual política salarial, o arrocho de salários e vencimentos será maior, previu Lauro, autor de um livro clássico já esgotado, "A crise da Ideologia Keynesiana". Diante de uma taxa inflacionária de 10% ao mês, disse, não haverá reajuste de salário, graças à determinação legal de fixar um redutor de 10 pontos percentuais sobre até seis salários mínimos. O reajuste ocorrerá, segundo a lei, apenas ao final do quarto mês, mas aí, destacou, poderá haver uma nova revisão do plano econômico que venha bloquear reajustes de salários em nome do combate "eficaz" à inflação, sob o argumento de que com a taxa inflacionária em queda o valor real dos salários aumenta, como se argumentou durante os planos anteriores.

Ocorre, lembrou Lauro, que o

reajuste do salário pela média, como aconteceu nos planos Cruzado, Bresser, Feijão-com-arroz, Verão e Collor, foi comido pelo fenômeno das mercadorias maquiadas e pelo mercado negro, que se alastraram quando a demanda pressionou a oferta e a escalada inflacionária tornou-se incontrolável. Diante dessa possibilidade, explicou, o Governo terá a alternativa de queimar reservas cambiais com importações, para combater possível escassez de oferta. Nesse caso, no entanto, argumentou, ele enfrentará a contradição resultante do fato de que importando para combater a inflação gerada pela pressão da demanda sobre a oferta colocará em risco a sobrevivência de setores produtivos que estarão especulando, cuja reação poderá ser a de demitir pessoal, aumentando, ainda mais, o nível de desemprego na economia, com conseqüente pressão social e política num ano eleitoral. (C.F.)

PSDB vai ser o grande vitorioso

Caso o governo consiga contornar com sucesso todas as variantes econômicas geradas pela ação combinada das âncoras cambial, salarial e fiscal - esta com o apoio do Congresso, na revisão constitucional -, o resultado político a ser colhido pelo governo, especialmente pelo PSDB, prevê Lauro, será o de conquistar a maioria expressiva dos governos estaduais no próximo ano, com grande chance de Fernando Henrique Cardoso torna-se sucessor de Itamar Franco, como aconteceu, em 1986, com o Plano Cruzado pelo ministro Funaro, que contribuiu para eleger a maioria esmagadora dos governadores do PMDB naquele ano, elevando a popularidade de Sarney às nuvens.

Não é de se admirar, portanto, acrescentou o professor de Economia Política, que, nesse momento, o presidente Itamar Franco esteja fazendo pouco caso do PMDB, porque está sabendo o que vem por aí: o Plano Econômico, em gestação nas mãos dos técnicos da Fazenda, favorecerá o PSDB no campo eleitoral, em 1994, possibilitando-lhe fazer o seu sucessor, com tranqüilidade. Como o PMDB tem vocação governista intrínseca, acrescentou, é de se esperar que o partido de Ulisses Guimarães, nos próximos meses, viverá intensa defecção. O sucesso do plano, argumenta Lauro, dependerá, sobretudo, de cronometragem, para que a sociedade brasileira, na visão de FHC, esquizofrênica - a que, segundo Freud, foge do mundo real onde existem os atritos e conflitos produzidos pelo mundo do trabalho, para se refugiar no imaginário em que os conflitos inexistem - fique sem contato com o real até as eleições. (César Fonseca)